

MEDIAÇÃO ORAL DA INFORMAÇÃO EM COMUNIDADES TRADICIONAIS DE CONHECIMENTO: REFLEXÕES A PARTIR DOS POVOS AMERÍNDIOS

***ORAL MEDIATION OF INFORMATION IN TRADITIONAL KNOWLEDGE COMMUNITIES:
REFLECTIONS FROM AMERINDIAN PEOPLES***

Filipe Vinícius Cabral Neri – Universidade Federal de Alagoas (UFAL),
filiperexxar@gmail.com, <https://orcid.org/0009-0004-5385-8112>

Edivanio Duarte de Souza – Universidade Federal de Alagoas (UFAL),
edivanio.duarte@ichca.ufal.br, <https://orcid.org/0000-0002-7461-828X>

Marcos Aparecido Rodrigues do Prado – Universidade Federal de Alagoas (UFAL),
marcos.prado@ichca.ufal.br, <https://orcid.org/0000-0001-8783-3280>

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Objetiva estabelecer reflexões teóricas acerca da mediação da informação com enfoque sobre o contexto da oralidade em que o mediador se orienta pelas práticas narrativas da tradição oral de povos ameríndios. A presente investigação delineia-se como pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa. Como resultado, verificou-se que as tradições orais de povos ameríndios têm potencialidades para se compreender a informação e a mediação em todos os aspectos culturais concernentes às suas comunidades de conhecimento. Considera-se que a mediação da informação pode ser enriquecida pela oralidade envolvendo aspectos culturais, sociais, e, portanto, humanos e subjetivos.

Palavras-chave: mediação da informação; mediação oral da informação; comunidades de conhecimento; povos ameríndios; tradição oral.

Abstract: It aims to establish theoretical reflections concerning mediation of information with focus in the context of orality, in which the mediator guides themselves through the narrative practices of the oral tradition of amerindian peoples. This investigation is outlined as a bibliographic research with a qualitative approach. As a result, it was verified that oral traditions of amerindian peoples carry potential for comprehending information and mediation in all cultural aspects concerning their knowledge communities. It is considered that mediation of information can be enriched by orality involving cultural, social, and therefore, human and subjective aspects.

Keywords: mediation of information; oral mediation of information; knowledge communities; amerindian peoples; oral tradition.

1 INTRODUÇÃO

A noção de informação como atribuição de sentido ao sentido de conhecimento comunicado expressa relevância da linguagem nos processos de mediação em que os recursos tecnológicos ampliam potencialidades interativas na sociedade contemporânea

(Capurro; Hjørland, 2007). Nesse domínio, destaca-se, no conjunto de processos informacionais, a mediação da informação, que, na Ciência da Informação, é considerada, em sentido amplo, como um processo onde alguém guia, orienta, intermedeia, amplifica, organiza e interage com ações propositadas para repercutir na transmissão e na disseminação de recursos informacionais (Farias, 2016).

O tratamento informacional na mediação, sob esse campo de conhecimento, ainda segue formas convencionadas em tradição histórica e cultural que enfoca estruturas de registros materializados em suportes documentais. Existem, no entanto, culturas humanas de comunidades originárias que priorizam a transmissão histórica de seus conhecimentos pelos processos orais (Bortolin; Santos Neto, 2023), como, por exemplo, alguns grupos pertencentes às etnias ameríndias, termo usado para se referir aos povos originários das Américas.

Nesse contexto, esta comunicação busca estabelecer uma discussão teórica que reflete a mediação oral da informação em linguagens instituídas historicamente nas tradições sociais dos povos ameríndios pela adoção da oralidade como processo fundamental de transmissão cultural. Com efeito, durante a maior parte da história da humanidade, seres humanos não possuíam escrita, dependendo, portanto, dos processos orais que têm nos diversos tipos de narrativas, como o mito, suas principais formas de armazenamento e de disseminação da informação (Barber; Barber, 2006).

Ressalta-se que, por meio do estudo da mediação da informação no contexto da oralidade, aqui delimitada nos grupos étnicos classificados como ameríndios, é possível contribuir com o desenvolvimento de novas perspectivas humanísticas e sociais para a ciência, expandindo à compreensão sobre o tratamento da informação e do conhecimento para além de uma visão estritamente literária, e considerando não apenas a informação como objeto de estudo, mas também o sujeito que dela se utiliza.

O presente estudo foi delineado metodologicamente pela pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa nas interpretações. Com isso, o referencial teórico utilizado se constitui em bases fundamentais da literatura especializada em Ciência da Informação, tendo como domínio a mediação oral da informação. Na coleta de dados, utilizou-se o levantamento bibliográfico, feita de forma física e digital em livro, capítulos de livro e artigos publicados em periódicos.

Não houve delimitação temporal, sendo a escolha das obras utilizadas feita com

base na relevância dos autores, caso que contempla a grande parte da bibliografia, e com base na associação entre os diferentes conceitos chaves do trabalho, quais sejam, “mediação da informação”, “transmissão da informação”, “comunidades de conhecimento”, “tradição oral”, “ povos indígenas” e “ povos ameríndios”, se enquadrando aí a maior parte das obras atuais e mais recentes.

As análises partiram da consideração, como apontado por diferentes autores, de que existem elementos em comum compartilhados pelos povos ameríndios, ainda que se reconheça que diferentes grupos incluídos dentro da terminologia "ameríndios" possuem suas particularidades e diferenças significativas. Assim, foram evitadas afirmações generalistas e que de alguma forma descaracterizassem ou tornassem homogêneas as culturas ameríndias em favor da obtenção de uma interpretação.

Nesse horizonte, o trabalho se encontra estruturado em seis seções, que, além desta parte introdutória e das considerações finais, contemplam discussões sobre as condições gerais da mediação da informação nos contextos das tradições orais e literárias; as narrativas como estratégias para memorizar e informar em culturas orais; e a mediação oral da informação em comunidades de conhecimento, com destaque para os povos ameríndios.

2 A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO EM DOIS TEMPOS: ORALIDADE E ESCRITA

A mediação da informação é, em sua essência, uma ação de interferência caracterizada em processos realizados pelos profissionais da informação (Prado, 2023). Com efeito, Almeida Júnior (2015, p. 25) conceitua a mediação da informação como:

Toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiente de equipamentos informacionais –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais.

O mediador, nesse contexto, é um ser social e político que possui crenças e valores, elementos que serão refletidos, queira ele ou não, em sua atuação (Prado, 2023). A produção, a apropriação e os demais processos informacionais não existem e nem podem ocorrer divorciados dos contextos histórico, social e cultural (Cavalcante, 2015).

Entre outras possibilidades classificatórias, a mediação da informação pode ser dividida entre implícita e explícita (Almeida Júnior, 2009). A mediação implícita ocorre sem a presença física e imediata dos usuários, no instante antes da informação estar disponível para consulta, em processos como formação e desenvolvimento de coleções, catalogação e classificação, preservação (Santos Neto, 2014; 2019). A mediação explícita, por sua vez, acontece onde a presença do usuário é inevitável, mesmo que não seja física, e se dá pela interatividade direta para realizar assistência e atendimento às necessidades informacionais acionadas de forma remota ou presencial (Santos Neto, 2023).

Ao refletir sobre essas possibilidades de mediação, é importante considerar que a oralidade é a forma mais básica de viabilizar a comunicação humana (Cavalcante; Melo, 2007). A linguagem falada é, naturalmente, mais democrática do que a linguagem escrita, sendo utilizada pela maioria dos indivíduos. Ocorre que a oralidade permeia o cotidiano, além de aproximar as relações sociais (Bortolin; Santos Neto, 2023).

Ao expor oralmente uma informação, seja esta uma experiência pessoal ou não, ao sujeito é possibilitado apropriar-se de e construir significados, agregando saberes aos ouvintes e ao mesmo tempo que os agrega a si próprio. A exposição oral, portanto, é também uma forma de mediação da informação, pois inclui a organização, o acesso, a recuperação, o uso e a apropriação da informação (Carvalho; Nascimento; Bezerra, 2018), processos informacionais dinâmicos e recursivos.

A oralidade permite o uso de recursos linguísticos que são menos importantes no caso da escrita, como, por exemplo, a informalidade do discurso e a subjetividade de quem fala, fatores que, na escrita, por necessitar de uma estrutura relativamente estática e, por conseguinte, pouco mutável, faz com que ela tenha como prioridade a objetividade e a formalidade. Isso também significa que existe uma preocupação não só com o conteúdo, mas na forma como é transmitido (Carvalho; Nascimento; Bezerra, 2018).

Na fala de um sujeito, como esclarecera Queiroz (1988), seja de forma direta ou indireta, consciente ou inconsciente, premeditada ou espontânea, há sempre referências a aspectos importantes da sua sociedade e de seu grupo, entre eles incluídos comportamentos, técnicas, valores e ideologias. Então, complementam Carvalho, Nascimento e Bezerra (2018), todo sujeito representa, portanto, em si, uma fonte de informação.

Ao falar sobre um tema, o sujeito exerce práticas de socialização da informação, via processos dinâmicos de externalização. E os ouvintes podem, então, se apropriar das informações que o sujeito emite (Carvalho; Nascimento; Bezerra, 2018). A mediação da informação, entendida dentro do contexto da narrativa oral, então, se caracterizada também como uma forma de interferência premeditada ou espontânea do mediador, nesse caso, o próprio narrador, que tem como objetivo a disseminação das informações das quais dispõe (Carvalho; Nascimento; Bezerra, 2018).

É forçoso considerar em Perazzo (2015), que o sujeito é o principal elemento na compreensão dos processos mediacionais relacionados com a oralidade e as práticas orais. Sendo a oralidade o fundamento da comunicação humana, trata-se então de um processo básico no qual o indivíduo é capaz de receber informações e interagir socialmente (Sousa; Lima, 2016).

3 NARRATIVAS ORAIS COMO ESTRATÉGIAS INFOMEMÓRIAIS

A situar a discussão na diferenciação entre as tradições orais e letradas, por assim, dizer, é importante considerar que a invenção da escrita, fato que ocorreu em diferentes partes do mundo, em diferentes épocas e contextos, possibilitou, para as culturas que dela se utilizaram, o acúmulo massivo de dados. Desde então, a ciência se tornou firmada numa perspectiva literária (Barber; Barber, 2006).

Durante a maior parte da história da humanidade, contudo, seres humanos não possuíam escrita, o que significa que o tratamento da informação dependia essencialmente da oralidade. Tal situação se aplica ainda a diversos grupos indígenas dos continentes americanos, os ameríndios (Bortolin; Santos Neto, 2023).

Na ausência da escrita, que ocorre em culturas ágrafas e, por conseguinte, dependentes da comunicação oral, a memória coletiva assume função protagonista nos processos de transmissão dos conhecimentos tradicionais, ou saberes ancestrais, para manter, de geração em geração, os processos de difusão informacional que mantém ativos os seus traços de identidade cultural (Gouveia; Galindo, 2022).

Um fator consequente da influência da cultura literária ou, em outros termos, da cultura escrita, foi considerar que a tradição oral era menos capaz de armazenar e de transmitir a informação sem perdas significativas (Ong, 1998). No entanto, Barber e Barber

(2006) afirmam que, devido ao fato de as culturas orais serem carentes de suportes extrassomáticos de armazenamento e de transmissão de informação significativos como a escrita, elas se preocupam muito mais com os detalhes fundamentais para que uma narrativa seja lembrada e transmitida de forma fidedigna.

É justamente, a partir desses princípios, que uma das principais formas de armazenamento e de disseminação da informação das sociedades baseadas na tradição oral, corresponde à doção de narrativas orais, na medida em que, como consideraram Carvalho, Nascimento e Bezerra (2018), a oralidade, por meio das narrativas, é muito mais eficaz em prender a atenção do ouvinte, ajudando-o na tarefa de absorver, interpretar e apropriar-se da informação.

De fato, por intermédio da narrativa oral, um acontecimento, um fato ou um conjunto de conhecimentos e valores, quer tenham sido vividos ou praticados pelo sujeito que narra, quer sejam algo distante de sua experiência, se tornam de conhecimento público (Alberti, 2003), deve ser destacada. Ocorre que as narrativas orais não apenas se encontram presentes de forma ubíqua em todas as áreas de interesse humano, como também são fundamentais no compartilhamento de saberes e de experiências de um indivíduo ou de um grupo. Considera, pois, que sujeito, por intermédio delas, é capaz de significar, ressignificar, construir, desconstruir e reconstruir suas percepções (Carvalho; Nascimento; Bezerra, 2018). No entendimento de Alberti (2003), ao narrar suas experiências e expressar seus conhecimentos, um indivíduo seleciona e organiza as informações de acordo com um sentido determinado).

Em culturas que têm por base a tradição oral, tanto antigas como atuais, podem ser destacados como possuindo valor especial os mitos, considerados essencialmente narrativas que apresentam uma explicação de algum aspecto da realidade, de forma metafórica e simbólica. Barber e Barber (2006) consideram que se tratam de uma forma de codificar e de transmitir eventos significativos da história, princípios, regras e tabus de um grupo. Além de serem o produto de uma cultura particular, também refletem as condições locais, físicas e ambientais em que se encontram situados.

4 A MEDIAÇÃO ORAL DA INFORMAÇÃO EM COMUNIDADES DE CONHECIMENTO: O EXEMPLO DOS POVOS AMERÍNDIOS

Em que pese a diversidade de contextos, as particularidades de cada um e as estratégias utilizadas, em diferentes processos informacionais, a mediação oral se apresenta como uma forma específica de intervenção processual, em que a oralidade se caracteriza como linguagens sonoras e gestuais para denotar sentido a um contexto específico e a cultura, nesse particular, se apresenta como manifestação historicamente constituída de elementos assimilados e legitimados pela construção social (Zumthor, 2001). Desse modo, a mediação oral se estabelece fundamentalmente por aspectos estruturantes da cultura como “Um processo que se utiliza de mecanismos, instrumentos, códigos culturalmente definidos e estabelecidos para que os sujeitos possam se apropriar da informação” (Silva; Cavalcante, 2023, p. 249).

Assim, a mediação oral implica necessariamente no entendimento de comunidade, em cujo processo a identidade “[...] revela as diferenças íntimas que se encontram entre as genealogias e as geografias” (Bhabha, 1998, p. 324), ou seja, expõe relações entre o tempo identificado na ancestralidade e o espaço sociocultural da historicidade comunitária. Esses pressupostos apontam para o entendimento de que não há possibilidade de se compreender a mediação oral de culturas de povos originários, a exemplo dos ameríndios, desconsiderando o entendimento nocional de comunidade e os seus processos culturais. Neste sentido, Calheiros e Prado (2023, p. 201) afirmam que “A ideia fundamental de comunidade projeta uma noção de vivência comum entre pessoas que se integram por relações coletivas para estabelecer vínculos característicos de identidade social”.

Os povos originários são formas sociais típicas de comunidades culturalmente instituídas pelas tradições ancestrais, que incluem as linguagens como processos comunicacionais para transmissão de seus conhecimentos. E mais, segundo Fonseca e Zaninelli (2024, p. 2), “Esse conhecimento ancestral norteia o modo de vida desses povos, garantindo a autonomia de sua organização político-administrativa e a sobrevivência dos seus costumes”.

Embora, muitas vezes, sejam tratados de forma conjunta em diversos estudos, sem apontar especificidades, é importante esclarecer que há distinções conceituais que precisam ser esclarecidas a respeito de povos originários e de comunidades tradicionais. Para tanto,

povos originários se referem aos habitantes nativos de um território geograficamente definido em que a identidade social é carregada de traços culturais e de influências históricas de sua ancestralidade (Civallero, 2007). Enquanto que as comunidades tradicionais são grupos culturalmente diferenciados que se reconhecem como tais e que possuem formas próprias de organização social, tais como quilombolas, indígenas, caiçaras, ribeirinhos, e seringueiros, dentre outros arranjos de coletividades sociais (Müller, 2024).

Os ameríndios são comunidades tradicionais que se identificam como povos originais, dada a sua relação ancestral com a territorialidade do espaço geográfico que historicamente habitam e o qual demarca as dimensões limítrofes do seu ambiente nativo (Civallero, 2007). Neste aspecto, considera-se necessário reconhecer que os ameríndios mantêm tradições ancestrais de disseminação de informações pela mediação oral para transmissão de seus conhecimentos socialmente instituídos (Civallero, 2019). Isso porque o conhecimento de comunidades ameríndias é transmitido oralmente por gerações e engloba uma vasta gama de saberes sobre a natureza, a cosmologia, a medicina tradicional, a agricultura sustentável e a organização social (Lahr, 1997). Logo, as comunidades ameríndias podem ser consideradas como estruturas sociais típicas à uma comunidade de conhecimento.

Em tal perspectiva, as comunidades de conhecimento são grupos de pessoas que compartilham interesses e objetivos relacionados com conhecimentos necessários à sua constituição de grupo social, buscando ativamente aprender e construir conhecimento coletivamente (Mitcham, 2011). E, neste contexto, a mediação oral da informação nas comunidades ameríndias “[...] posiciona-se como um espaço de disseminação do conhecimento tradicional (saberes tradicionais), onde ela assume um importante protagonismo em seu espaço de atuação” (Fonseca; Cavalcante; Zaninelli, 2022, p. 7).

Dada a oralidade instituída nas práticas cotidianas das tradições ancestrais e culturais dos povos ameríndios, a mediação oral da informação ocupa função estratégica no processo comunicacional dessas comunidades. Com efeito, é por meio da mediação oral que os conhecimentos tradicionais e ancestrais desses povos poderão ser disseminados às gerações futuras. Assim sendo, a mediação oral da informação repercute de forma significativa nos processos dinâmicos que incitam o desenvolvimento epistêmico da Ciência da Informação.

Além disso, é importante considerar, em Barber e Barber (2006), que a mediação ocorre em diferentes contextos, como na instrução dos mais novos em relação a alguma

norma ou tabu, ou ainda na execução de alguma atividade importante para a sobrevivência do grupo. Existem também contextos formais e informais para esse processo, sendo que no primeiro se enquadrando principalmente aquilo que é pertinente aos rituais ou às técnicas essenciais para o grupo.

Então, o papel do mediador da informação dentro de um grupo dependente da tradição oral, como no caso particular aqui tratado dos ameríndios, geralmente cabe aos adultos, às vezes, em situações mais específicas, sendo restrito a uma classe religiosa. (Barber; Barber, 2006). Ademais, em comunidades onde atividades, posições sociais e papéis são separados e designados de forma diferente para homens e mulheres, o mediador adquire características mais específicas, e sua função adquire um direcionamento e um foco restrito, seja no papel de transmissor da tradição ou de reforçador dela (Lévi-Strauss, 2021).

É fato que a transmissão em várias sociedades ameríndias envolve, impreterivelmente, relações, que podem ser pacíficas, como de mestre a aprendiz, de pai para filho, de espírito a pajé, ou violentas, através do roubo e da guerra, entre outras possibilidades. Nessas relações são repassados conhecimentos, narrativas, cantos, rituais, técnicas, leis e proibições (Carneiro da Cunha, 2014).

No caso de instruções que dizem respeito ao grupo em geral, o mediador precisa ainda da capacidade de cativar uma audiência, por assim se dizer, composta de diferentes estratos dentro do próprio grupo. Uma narrativa que diz respeito à instituição de normas de comportamento, por exemplo, ao mesmo tempo que instrui os mais novos sobre a existência e necessidade de aderência às regras, alerta os mais velhos para garantir seu cumprimento (Barber; Barber, 2006). A informação, nesse caso, diferente da percepção de Shannon (1948), que a entendia como uma mensagem de sinal transmitida para alcançar um único receptor, é constituída de diversos significados, pretende alcançar múltiplos estratos sociais e, por conseguinte, recebe diferentes interpretações. Não se leva em conta apenas o conteúdo, mas a forma como este é transmitido e disseminado.

Existem também situações em que o narrador desempenha sua função para alguém de fora do grupo, como no caso de antropólogos, etnólogos e acadêmicos que se propõem a registrar esses relatos de forma escrita. O mediador oral atua, nesse caso, se preocupando em explicar coisas que, para um integrante do seu grupo, seriam óbvias, em situações até mesmo implícitas. Então, como bem destacaram Barber e Barber (2006), uma narrativa para uma cultura oral, incluindo os mitos, têm um caráter funcional, não apenas estético. Ela

sempre trata de algo vital para o funcionamento, a sobrevivência e a organização do grupo, e dificilmente quer dizer uma coisa só.

As narrativas são um reflexo, tanto de fatores internos quanto externos ao sujeito, e, por isso, coexistem com um contexto, somando-se às vivências e permitindo o funcionamento eficiente da sociedade. O indivíduo é, por conseguinte, estimulado a pensar levando em consideração não apenas a si próprio, mas seu meio e sua comunidade. É justamente a partir desse entendimento que a dinâmica das narrativas são fundamentais para desempenhar suas finalidades socioculturais. De modo preciso, Barber e Barber (2006), esclarecem que uma narrativa não serve unicamente para apresentar a norma social e explicar sua origem e funcionamento, mas sim para reforçá-la. Nesse mesmo horizonte, Lévi-Strauss (2021), considera que as narrativas, incluindo os mitos, em culturas de tradição oral, não existem de forma isolada, mas como parte de uma estrutura maior, que inclui a cultura do grupo e as condições socioambientais.

Considerando que nessas comunidades tradicionais, a transmissão e a disseminação da informação são realizadas, predominantemente, de forma oral, é natural que precisem que os ouvintes prestem atenção. Um bom narrador e contador de histórias pode com frequência incrementar uma narrativa tradicional com novos detalhes cosméticos que a tornem mais vívida e memorável, deixando os pontos chave inalterados. O mediador que executa essa prática, ao mesmo tempo que embeleza a narrativa, transmite-a de forma fidedigna (Barber; Barber, 2006).

A variação de uma mesma narrativa, neste caso, diferente da visão contida na Teoria de Shannon (1948), não está sendo corrompida por ruídos para eventualmente se tornar irreconhecível, mas sendo adaptada, mantendo como base uma mesma estrutura (Lévi-Strauss, 2021). Considera-se que, nesse espírito em comum, que foi identificado por este autor em seu estudo etnográfico sobre mitos e pensamento dos povos nativos das Américas, é que está a essência do papel do mediador da informação nas tradições orais ameríndias, que não é apenas um simples transmissor e disseminador de conhecimentos. Com efeito, o mediador da informação nas tradições orais ameríndias é levado a pensar, com frequência, de forma plural, contemplando diferentes contextos, o que faz com que sua consciência em torno da ação de intermediar leve sempre em consideração que a informação parte de uma coletividade para outra.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando Shannon desenvolveu sua Teoria Matemática da Comunicação, visualizou uma estrutura estática e unidirecional, que, ainda que contivesse elementos como ruído que sugerem dinamicidade, não daria conta de uma perspectiva não objetiva e que levasse em consideração a dinâmica informacional que envolve o sujeito e os diversos significados da mensagem. A subjetividade, a vivência do sujeito e o contexto em que se encontra inserido são, entre outros, alguns aspectos que recebem mais atenção nos estudos contemporâneos sobre processos informacionais diversos.

A mediação da informação, como grande parte do fazer e do saber científico moderno, encontra-se ainda dentro de uma perspectiva literária. O caráter objetivo e formal da escrita, que reflete no pensamento científico e nas práticas da comunidade científica, é sustentado pelo rigor que os métodos por eles empregados exigem (Barber; Barber, 2006).

A oralidade e os processos que a subjazem, por outro lado, são carregados de aspectos subjetivos, não só individuais como coletivos, pois se fazem presentes no cotidiano, e em toda área de atuação humana. Então, considera-se que é ainda mais relevante tratar a informação dentro da oralidade, ao constatar que existem estratos da população que se utilizam quase que exclusivamente dela, conforme acontecem em alguns grupos de etnia ameríndia. Com efeito, as tradições orais de povos ameríndios oferecem uma possibilidade de compreender a informação e, especificamente, a mediação desta, não apenas em um contexto de oralidade, mas em uma cultura imersa nesta, e na qual todos os aspectos considerados de fundamental importância para a oralidade são naturalmente mais exacerbados.

Beatriz Perrone-Moisés afirma no seu prefácio para o Cru e o Cozido que “O antropólogo se faz passador/emissor de vozes outras. E as faz soar [...]” (Lévi-Strauss, 2021, p. 7). Afirmação similar pode ser feita, e ainda mais corretamente, sobre os mediadores nas tradições orais ameríndias, que se encarregam de fazer soar o conhecimento transmitido e disseminado.

A discussão sobre a postura do mediador da informação nas comunidades ameríndias dependentes da tradição oral e o modo como expressa sua ação de intermediar pode ajudar no desenvolvimento de novas compreensões acerca de processos de informação e de conhecimento, trazendo consigo uma percepção diferente, mais ampla,

humana e subjetiva da informação, levando em consideração não só “o que” é transmitido, disseminado e mediado, mas também o “como”, “de quem” e “para quem”.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **História Oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Mediação da informação: um conceito atualizado. In: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José da (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

BARBER, E. W.; BARBER, P. T. **When They Severed Sky From Earth**: How the Human Mind Shapes Myth. Princeton: Princeton University Press, 2004.

BEZERRA OLIVEIRA, D.; GOMES, R. C. Epistemologia de fronteiras em Walter Mignolo: compreensão, críticas e implicações na pesquisa em educação. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 35, n. 74, p. 643–677, 2021. DOI: 10.14393/REVEDFIL.v35n74a2021-55175. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/55175>. Acesso em: 21 ago. 2024.

BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A. dos. Mediação oral da informação e da leitura: no sofá da sala com três Paulos. **Folha de Rosto**: revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Juazeiro do Norte, v. 9, n. 1, p. 259-278, 14 abr. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/967/739>. Acesso em: 29 ago. 2024.

CALHEIROS, A. G. B.; PRADO, M. A. R. do. Comunidade e biblioteca pública: aproximações sociológicas para se pensar a emergência contemporânea. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 199-122, mar./ago., 2023.

CAPURRO, R.; HJØRLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22360>. Acesso em: 21 ago. 2024.

CARNEIRO DA CUNHA, M. M. L. Políticas culturais e povos indígenas: uma introdução. In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela; CESARINO, Pedro de Niemeyer (Org.). **Políticas culturais e povos indígenas**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

CARVALHO, A. C. G.; NASCIMENTO, M. G. e S.; BEZERRA, M. G. A mediação da informação na narrativa oral e na história de vida: proposições dialogais. **RDBCI**: revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, SP, v. 16, n. 2, p. 461–482, 2018. DOI: 10.20396/rdbc.v16i2.8651516. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbc/article/view/8651516>. Acesso em: 24 ago. 2024.

CAVALCANTE, L. E. Diálogos entre informação social, mediação cultural e comunidade. In: BELLUZZO, R. C. B.; FERES, G. G.; VALENTIM, M. L. P. (Orgs.). **Redes de conhecimento e competência em informação**: interfaces da gestão, mediação e uso da informação. Rio de Janeiro: Interciêncie, 2015, 399-414.

CAVALCANTE, M. C. B.; MELO, C. T. V. Gêneros orais na escola. In: SANTOS C. F.; MENDONÇA, M.; CAVALCANTE, M. C. B. (Orgs.) **Diversidade textual**: os gêneros na sala de aula. Belo Horizonte: Autêntica: 2007. p. 89-102. Disponível em: http://www.nigufpe.com.br/wpcontent/uploads/2012/09/Diversidade_Livro.pdf. Acesso em: 28 ago. 2024.

CIVALLERO, E. **Bibliotecas en comunidades indígenas**: guía de acción y reflexión. Córdoba (Argentina): Wayrachaki, 2007.

CIVALLERO, E. Bibliotecas y sociedades originarias en América Latina: ideas básicas y caminos a futuro. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 221-236, abr./jun., 2019.

FARIAS, M. G. G. Mediação e competência em informação: proposições para a construção de um perfil de bibliotecário protagonista. **InCID**: revista de Ciência da Informação e Documentação, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 106-125, set. 2016. Disponível em: <https://revistas.usp.br/incid/article/view/101368/103968>. Acesso em: 21 ago. 2024.

FONSECA, D. L. de S.; ZANINELLI, T. B. Modelos conceituais de Gestão do Conhecimento Indígena: uma discussão na Ciência da Informação. **Transinformação**, Campinas, v. 36, e2410685, jan./dez., 2024. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/10685/11694>. Acesso em: 27 jan. 2025.

GOUVEIA JÚNIOR, M.; GALINDO, M. Sistemas memoriais como disseminadores de informação. **Transinformação**, Campinas. v. 24, n. 3, 2022. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/6164>. Acesso em: 21 ago. 2024.

LAHR, M. M. A origem dos ameríndios no contexto da evolução dos povos mongoloides. **Revista USP**, São Paulo, v. 34, p. 70-81, jun./ago., 1997.

LÉVI-STRAUSS, C. **Mitológicas 1**: O cru e o cozido. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

MITCHAM, C. Knowledge communities: from conceptual issues to ethical-political questions. In: ECHEVERRÍA, J.; ALONSO, A.; OIARZABAL, P. J. (Edit.). **Knowledge Communities**. Reno: Center for Basque Studies; University of Nevada, 2011. Ch. 5, p. 95-108.

MÜLLER, C. B. **Direitos dos povos e comunidades tradicionais**. Salvador: UFBA, Faculdade de Direito; Superintendência de Educação a Distância, 2024.

ONG, W. **Oralidade e cultura escrita**: a tecnologização da palavra. Campinas: Papirus, 1998.

PERAZZO, P. F. Narrativas orais de histórias de vida. **Comunicação e inovação**, São Caetano do Sul, v. 16, n. 30, p. 121-131, jan./abr. 2015.

PIMENTA, R. M.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Mediação da informação e múltiplas linguagens.

Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação, [S. I.], v. 2, n. 1, 2009.

Disponível em: <https://revistas.ancib.org/tpbci/article/view/170>. Acesso em: 20 jul. 2025.

PRADO, M. A. R. do. Acolhimento e receptividade pela mediação da informação. **Revista**

Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, v. 19, p. 1-36, jan./dez., 2023.

Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1729/1459>. Acesso em: 25 jan. 2025.

QUEIROZ, M. I. P. de. Relatos orais: do indizível ao dizível. In: VON SIMSON, Olga Morais (org.). **Experimentos com história de vida**: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice, 1988.

SANTOS NETO, J. A. dos. **Mediação implícita da informação no discurso dos bibliotecários**

da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina (UEL). 193 f. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2014. Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/entities/publication/ef464f0e-47f1-40ac-ade2-9e1951df5d08>.

Acesso em: 12 jun. 2025.

SANTOS NETO, J. A. dos. **O estado da arte da mediação da informação**: uma análise histórica da constituição e desenvolvimento dos conceitos. 2019. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2019. Disponível em:

<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/181525>. Acesso em: 14 jun. 2025.

SANTOS NETO, J. A. dos. Mediação implícita da informação e os marcadores sociais da diferença: protagonismo e aspectos éticos na Organização e Representação da Informação e do Conhecimento. **Folha de Rosto**: revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Juazeiro do Norte, v. 9, n. 2, p. 269-297, maio/ago., 2023. Disponível em:

<https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/971/823>. Acesso em: 23 jan. 205.

SHANNON, C. E. A Mathematical Theory of Communication. **Bell System Technical Journal**, v. 27, n. 3, p. 379–423, jul. 1948. Disponível em:

<https://web.archive.org/web/19980715013250/http://cm.bell-labs.com/cm/ms/what/shannonday/shannon1948.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2024.

SILVA, C. R. S. da; CAVALCANTE, L. de F. B. Mediação cultural da informação: por uma relação entre informação, cultura e mediação na produção de sentidos e significados sobre o real.

Informação em Pauta, Fortaleza, v. 8, n. esp., 237-251, jul., 2023.

SOUSA, L. F. de; LIMA, I. F. de. Encontro com as memórias leitoras do bibliotecário contador de histórias. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2016, Salvador. **Anais** [...] Salvador: UFBA, 2016. p. 1-20.

ZUMTHOR, P. **A letra e a voz**: a “literatura” medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NOTA

Este trabalho foi realizado no escopo das atividades do Projeto “Socialização do Método do Estudo Imanente em Informação”, Chamada CNPq/MCTI Nº 10/2023, sob a supervisão do Professor Doutor Edivanio Duarte de Souza.